

GAZETA MERCANTIL

Quinta-feira, 12 de março de 1987

Economia - Brasil

A necessidade de administrar o desaquecimento

A elevação de 14,1% registrada em fevereiro pelo Índice Geral de Preços, no conceito de disponibilidade interna (IGP-DI), vem confirmar a expectativa nutrida pelas autoridades governamentais de que, após o nervosismo inicial do descongelamento, a inflação poderia estabilizar-se num patamar que, embora alto, indicasse estar ela sob controle. A taxa apurada pela Fundação Getúlio Vargas foi a maior desde a adoção do Plano Cruzado, em fevereiro do ano passado, mas também não há dúvida de que esteve longe de corresponder às projeções inicialmente feitas no mercado financeiro, que contribuíram para uma elevação vertiginosa das taxas de juro.

Outro aspecto importante da evolução do IGP-DI em fevereiro foi que o Índice de Preços por Atacado (IPA), seu componente de maior peso, registrou um aumento de apenas 10,3%. Como o comportamento da inflação no mercado de atacado antecipa, de certo modo, o que ocorrerá no mercado

varejista, a menor elevação do IPA em relação ao índice geral constitui um dado positivo.

A evolução do IGP-DI reforça, ainda, a previsão de que a inflação oficial, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), deverá revelar uma alta de cerca de 15% para fevereiro, quando for divulgada na próxima semana. Será sem dúvida um resultado auspicioso em relação às projeções iniciais, feitas pelas próprias autoridades econômicas, que situavam a taxa em torno de 25%. Uma alta mensal de 15%, evidentemente, não pode ser festejada em condições normais. Mas, quando as incertezas chegam ao ponto de tolher as atividades econômicas, como agora, não se podem desprezar os efeitos que uma reversão de expectativas quanto à inflação pode causar.

Sinais de acomodação da inflação foram captados, também, pelo Índice de Preços ao Consumi-

dor (IPC), da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), de São Paulo. Limitado ao município da capital paulista, o levantamento da entidade indicou uma alta de 11,28% em fevereiro, menor que os 13,75% de janeiro. Embora tenha abrangência menor que os índices da Fundação Getúlio Vargas e do IBGE, o da FIPE tem de ser levado em conta nas projeções sobre a inflação nacional, dada a importância da participação da capital paulista na economia do País.

Esses dados sobre o comportamento da inflação, contudo, devem ser contrapostos aos indicadores de atividade econômica, para uma correta avaliação do quadro conjuntural. Nesse sentido, o mesmo IBGE divulgou que a taxa média de desemprego aberto voltou a crescer no País, em janeiro, interrompendo a série de diminuições mensais observadas desde março do ano passado. Depois de ter atingido a marca histórica de 2,2% em dezembro, a taxa subiu

para 3,2%. Esse ponto percentual é significativo se levarmos em conta que a população economicamente ativa do Brasil é hoje de cerca de 60 milhões de pessoas.

Considerando-se, além disso, que as estatísticas sobre o faturamento real do comércio, feitas por entidades setoriais, revelam ter havido uma queda anormal de movimento em janeiro, é preciso que as autoridades econômicas se mantenham atentas para impedir a volta da recessão. Em períodos de inflação acelerada, como o atual, a demanda global tende a cair, a começar das compras no varejo, a menos que o poder aquisitivo dos consumidores seja preservado através das políticas fiscal e salarial. Obviamente, é do interesse da estratégia de combate à inflação que a demanda seja adequada à oferta, mas, a nosso ver, uma certa elevação nos níveis de preços é preferível à recessão econômica, num país ainda em desenvolvimento. Procuraremos detalhar mais este tema num próximo comentário.